

Aumenta índice de informalidade no ES

A Gazete. 02.10.02. p. 7

Segundo estimativa, 45% dos capixabas trabalham sem carteira assinada

RITA BRIDI

Dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) apontam crescimento da informalidade no mercado de trabalho metropolitano na década de 90. De acordo com o estudo, o crescimento das relações informais de trabalho é resultado das transformações ocorridas no cenário econômico nacional, onde a indústria de transformação encolheu e o segmento de serviços teve crescimento significativo.

No período de 1991 a 2001, conforme os números do Ipea, a indústria diminuiu sua participação na geração de postos de trabalho de 22% para 16%. No mesmo período o setor de serviços registrou incremento de 36% para 50%.

No ano de 1991, o grau de informalidade, medido pelas pessoas ocupadas em atividades caracterizadas como informais, era de 41%. Em 2001, o percentual passou para 50%. De acordo com os dados do Ipea a informalidade no setor industrial aumentou mais, passando de 17% para 28%. O grau de informalidade no setor de serviços ficou estabilizado em 55%.

No período de 1991 a 1996, de acordo com o Ipea, o percentual de trabalhadores informais passou de 40% para 47%. De 1996 até 1997, o grau de informalidade ficou próximo de 48%. Já no período de 1998 e 1999, o processo de informalização tomou fôlego, ultrapassando a marca de 50%, chegando a 51% no iní-



Daniela Martins

Alternativa

Desempregado há seis anos, Daniel da Silva Pinto vende balas, doces e biscoitos para ganhar R\$ 300,00 por mês e sustentar a família

cio de 2000. A ligeira queda verificada no ano seguinte estabilizou o grau de informalidade no patamar de 50% durante todo o ano de 2001.

No Espírito Santo

No Estado, de acordo com os dados de 2001 da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), a população ocupada é de 1.481.987 de pessoas. Desse total, 419.736 estão no mercado com carteira assinada. Já 99.691 são militares e funcionários públicos estatutários. Há também os trabalhadores domésticos e os que trabalham por conta própria.

No setor rural do Espírito Santo, que tem 392.637 pessoas em atividade, o grau de informalidade é maior que na zona urbana. Na área rural, apenas 10% das pessoas que trabalham estão na formalidade. A agricultura familiar, segundo dados do Ipes, é o

setor que mais tem pessoas na informalidade de toda a zona rural.

No setor urbano, 50% dos trabalhadores estão na formalidade e os outros 50% atuam na informalidade. No Estado, na área urbana, o setor de serviços é o que tem maior peso na informalidade. O destaque fica para o comércio e prestação de serviços.

Não há no Espírito Santo, dados precisos sobre o grau de informalidade nas várias atividades. Estimativas feitas por técnicos do Ipes indicam que aproximadamente 45% das pessoas que trabalham estão no mercado informal e cerca de 55% atuam na formalidade.

No Espírito Santo, da mesma forma que aconteceu no Brasil e no mundo, o aumento da informalidade começou na década de 90, que foi a década do desemprego. As em-

presas demitiram ou terceirizaram serviços, porque precisavam reduzir custos. O avanço da tecnologia também contribuiu para o aumento do desemprego.

E aumento do desemprego tem como reflexo o incremento da informalidade. É o caso, por exemplo, de Daniel da Silva Pinto, que está na informalidade desde 1996. Ele trabalha na praça principal de Maruípe vendendo balas, doces e biscoitos e tem um faturamento médio de 1,5 salário mínimo (cerca de R\$ 300,00).

Daniel, que é casado e tem três filhos, foi para a informalidade depois que a empresa de segurança onde trabalhava faliu. Ele não conseguiu vaga no mercado formal e a opção para garantir o sustento da família foi mercado da informalidade.